

# Relação intercultural entre Israel e Brasil

## A história de Tzipora Lewin Scheinman

### ANA SZPICZKOWSKI

Professora Doutora do curso de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre a Intolerância (LEI) da FFLCH/USP

**RESUMO** Neste trabalho, resgato a história do ramo materno de minha família, em grande parte baseado nas memórias de minha mãe, nascida na então Palestina em 1906. Esta história tem aspectos pouco comuns na imigração judaica para o Brasil, tendo em vista que meus avós maternos nasceram em *Eretz Israel* e lá se casaram em 1901. Junto com seus pais, minha mãe emigrou para o Brasil, em 1930, onde se casou com meu pai. Nascido na Rússia, havia fugido para *Eretz Israel*, por causa da ascensão do regime comunista, e de lá emigrou para o Brasil. O relato abrange a origem e a vida da família em *Eretz Israel* e sua instalação no Brasil, na cidade de São Paulo.

**PALAVRAS-CHAVE** Imigração judaica, pioneiros judeus, Palestina histórica, Israel, judeus em São Paulo.

**ABSTRACT** In this paper, I recover the history of the maternal branch of my family, largely based on my mother's memories. She was born in historical Palestine in 1906. This history has unusual aspects in the Jewish immigration to Brazil, since my maternal grandparents were born in *Eretz Israel*, where they married in 1901. My mother emigrated to Brazil with her parents in 1930, where she married my father. Born in Russia, he had fled to *Eretz Israel* because of the rise of the Communist regime, and immigrated to Brazil from there. The account covers the family's origin and life in *Eretz Israel* and its installation in Brazil, in the city of São Paulo.

**KEYWORDS** Jewish immigration, Jewish pioneers, historical Palestine, Israel, Jews in São Paulo.

Toda árvore possui por baixo da terra uma versão primeva de si mesma. Por baixo da terra, a árvore abriga “uma árvore oculta”, feita de raízes vitais constantemente nutridas por águas invisíveis.

A partir dessas radículas, a alma oculta da árvore empurra a energia para cima, para que sua natureza mais verdadeira, audaz e sábia viceje a céu aberto.

O mesmo acontece com a vida de uma mulher. Como a árvore não importa em que condições ela esteja acima da terra, exuberante ou sujeita a enorme esforço... Por baixo da terra existe “uma mulher oculta” que cuida do estopim dourado, aquela energia brilhante, aquela fonte profunda que nunca será extinta. “A mulher oculta” está sempre procurando empurrar esse espírito essencial em busca da vida... Para cima, para que atravesse o solo cego e consiga nutrir seu eu a céu aberto e o mundo ao seu alcance.

...Você já amou uma árvore? ...existem árvores que, apesar de tudo o que tenha dado errado, consegue enganar a todos – e sobrevivem para contar e ensinar sobre seu admirável retorno à vida. É mais uma vez o estopim dourado.

...Uma dessas árvores ameaçadas que conheci era uma enorme avó, um choupo. Essa árvore específica tinha sobrevivido por vários séculos a todo tipo de intempérie, inundação, congelamento e a todas as criaturas que tentaram corroê-la. Ela era o que nós chamávamos de “árvore da nevasca no verão” porque lançava suas sementes diminutas presas a uma reluzente penugem branca... Seria um equívoco imaginar que, por lançar suas sementes em saias cheias de babados, ela fosse frágil. Ela não era. Era uma guerreira (ESTÉS, 2007, p.29-31).

**LEMBRO DE MINHA AVÓ, QUE MORAVA NO RIO DE JANEIRO, NA CASA DE SUA FILHA ANA.**  
Nas férias escolares, quando pequena, eu viajava frequentemente para lá e ficava na casa

de Nekhama, irmã de Ana – cujos filhos tinham a minha idade – no Bairro Peixoto, em frente à pra-  
cinha, bem próxima ao apartamento da avó. Esta  
última, após alguns anos morando no Rio, mudou-  
se para São Paulo e veio morar com a família de sua  
filha mais velha, Esther Feige, conhecida como Tzi-  
pora. Era muito religiosa; cobria a cabeça com uma  
espécie de turbante preto. E quieta. Pouco se ma-  
nifestava, não falava de si. Tudo o que sei sobre ela  
e sobre a família está baseado em minhas observa-  
ções de criança e nos relatos de Tzipora, minha  
mãe<sup>1</sup>.

Tzipora continua a viver em São Paulo e, com  
cento e três anos, é lúcida; possui uma memória in-  
vejável. Vinda de *Eretz Israel*, em 1930, aqui consti-  
tuiu família, casando-se com Jacob Scheinman, meu  
pai. Jacob nasceu na Rússia e, com a ascensão do re-  
gime comunista, fugiu para *Eretz Israel*. Finalmente  
veio para o Brasil, se estabelecendo em São Paulo,  
onde conheceu Tzipora. Com ela teve quatro filhos:  
Bension (já falecido), Eliezer, Miriam e Ana.

Suas histórias me acompanham desde pequena  
e, para além de me reportarem às minhas raízes,  
enriquecem-me com aspectos históricos da cultura  
judaica e de Israel, contribuindo à formação das  
minhas identidades judaica, brasileira e israelense.

Por parte de pai, Tzipora descende da família  
Levi, originária da Polônia, cujo antepassado emi-  
grou para Israel em 1844. Do lado materno, sua  
ascendência remonta à família Klonsky, originária  
da Ucrânia. Seus pais, Moshe Zalman Levi (Levin  
– 1885-1946)<sup>3</sup> e Rivka Gitel Klonsky (1883-1965)  
casaram-se em *Eretz Israel* em 1901; ele aos dezes-  
seis anos, ela aos dezoito anos de idade.

Conta Tzipora:

Meus pais perderam alguns filhos, até que eu  
nasci em 1906. Eu fui a terceira filha na casa dos  
meus pais. Os dois que nasceram antes de mim,

um menino e uma menina, morreram ainda antes  
de eu nascer, de doença. Depois de mim, nasceu  
uma menina que adoeceu e faleceu de pneumo-  
nia quando tinha um ano e meio. Antes do seu  
falecimento, minha mãe pegou-me pela mão e  
me levou até a sinagoga, onde abriu a cortina da  
Arca Sagrada e disse-me para eu pedir a Deus  
pela vida da minha irmã. Eu pedi, mas minha irmã  
morreu naquele mesmo dia.

Embora na ocasião tivesse apenas dois anos e  
meio de idade, pergunto-lhe se ela lembra o que  
sentiu com a morte da irmã menor. – “Decepção,  
não com Deus, mas pela situação”, ela responde.

A perda prematura dos irmãos causou um gran-  
de impacto na vida de Tzipora. Ela conta que sou-  
be por sua mãe que, quando nasceu, seus pais, en-  
tendendo que não mereciam filhos, deram-na de  
presente a uma tia, em entrega simbólica.

Prosseguindo em seu relato, diz:

Mais tarde, quando fiquei muito doente, meus pais  
fizeram uma promessa: de que não me compra-  
riam roupas para vestir, e realmente eles só pas-  
saram a me vestir com roupas adquiridas por eles  
a partir dos meus seis anos de idade. Até lá eu  
me vestia somente com roupas que meus avós e  
tios compravam. Quando eu pedi pela primeira  
vez uma roupa, eles pesaram moedas “napole-  
ões” que equivaliam ao peso das minhas roupas  
e com elas fizeram caridade – *Tzedaká*. Também,  
pelo mesmo motivo, meu pai não me beijava. O  
primeiro beijo do meu pai, eu recebi somente  
quando me dirigi à *Khupá*<sup>4</sup>, no meu casamento  
(Tzipora).

Tzipora nasceu em Hebron em 1906, no chama-  
do *Yishúv Hayashán* (velho *Yishuv*, assentamento an-  
tigo), bairro onde a comunidade judaica se concen-  
trava, formado por quatro cidades: Jerusalém, He-  
bron, Tiberíades e Sfat (SHILO, 2001, p.15). Morou

na Cidade Velha de Jerusalém até os quatro ou cinco anos de idade, no bairro atualmente conhecido como Bairro Armênio, como relata.

A população do *Yishuv Hayashán*, segundo Naor e Giladi (1990, p.14) atingia cinquenta e cinco mil (55.000) pessoas, entre um número total que beirava o meio milhão. A grande maioria dos judeus morava nas cidades e somente 5% no campo, diferentemente da população árabe, que se concentrava no campo.

Em suas narrativas, Tzipora descreve:

Os pais da minha mãe moravam em Hebron, e minha mãe foi para lá para o meu parto... Meu pai era muito religioso. A população do “velho *Yishuv*” era, na sua maioria, muito religiosa, em contraste com os costumes dos *khalutzim* – imigrantes pioneiros que trabalhavam principalmente na terra, antes de 1948 – pois estes últimos, embora viessem de casas religiosas, ao sair de casa, queriam ser livres.

Como primeira filha, Tzipora representava a quinta geração de sua família a nascer na então Palestina. Sua ascendência paterna remonta à Polônia, onde seu antepassado, Rabi Shlomo Zalman, era um grande estudioso da Torá. Após algumas gerações na Polônia, e algumas mortes prematuras na família, seus descendentes emigraram para Israel em 1844, e lá se dedicaram ao estudo e ensino da Torá, à construção de Jerusalém e sua ampliação para além das muralhas.

Hoje, aos cento e três anos, ela dá seu testemunho:

Eu sou a quinta geração de israelenses. Meus antepassados, do lado paterno, construíram *Mea Shearim*<sup>5</sup> (Cem Portões). Eles compravam dos árabes pedras para as construções durante o dia, e à noite as pedras eram roubadas. Decidiram, então, marcar as pedras com tinta marrom. No dia seguinte, as pedras marcadas foram nova-

mente vendidas pelos próprios árabes, em uma prova evidente de que os árabes roubavam as pedras durante a noite para revendê-las no dia seguinte. Assim, os colonos construíram tendas para espreitar os árabes, e impedir o roubo.

Dentre diferentes alusões sobre seu avô materno, Rabi Levy Eliezer Klonsky (casado com Hava Klonsky), destaca-se a citação da *Enciclopédia sobre os pioneiros e edificadores da colonização judia em Eretz Israel* (TIDHAR, 19 vols., 1947-1971), apontada por Klonsky (2001):

Era o único banco em Hebron naquele tempo... Os árabes o chamavam de Eliezer El-Bank. Ele era um erudito e dedicava o seu tempo ao estudo da Torá. Era uma personalidade pública e servia de líder aos judeus de Hebron. Construiu uma mansão esplêndida nas imediações de Hebron e sua casa estava sempre aberta para todos... Hospedava soldados judeus, que em sua casa encontravam um lar e pousada. Eles o contagiaram com a febre tifóide, falecendo em Hebron no primeiro dia do mês Hebreu de Adar, no ano Hebreu de 5677 (1918).

Klonsky cita Hirshberg e Kniel<sup>6</sup>, esclarecendo os primórdios da colonização de *Eretz Israel*, bem como o papel do Rabi Levy neste processo:

Entre os poucos que pertenciam à elite social da comunidade, deve-se mencionar principalmente o Rabi Levy Eliezer Klonsky. Ele era um dos mais ricos de Hebron – talvez o mais rico – e um de seus líderes mais dedicados. Deve-se lembrar que ele era a única pessoa que acumulou toda sua riqueza em Hebron, permanecendo um hebronita até o fim de seus dias. Ele chegou a Hebron como um órfão sem um vintém. Com seu sócio, Rabi Alter Rivlin, começou um negócio de importação, deixando a sociedade para iniciar seus próprios negócios que se ex-

pandiram a um nível internacional. Apesar de todos seus negócios, tomava parte em todas as atividades comunitárias de Hebron, servindo também de líder da coletividade de 'Chabad'. Sua completa devoção chegou ao auge durante a Primeira Guerra Mundial quando o país foi devastado pela penúria e todas as instituições comunitárias desmoronaram. Então, Rabi E. Klonsky, de seu próprio bolso deu de comer aos famintos e sustentou os necessitados (HIRSHBERG e KNIEL apud KLONSKY, 2001).

*Eretz Israel*, naquele tempo, estava sob o Império Otomano que, por sua vez, era aliado dos alemães.

Segundo Naor e Giladi (1990, p. 11-13), a qualidade dos serviços coletivos (comunicação, saúde, educação, bem estar) era muito baixa, à semelhança do que ocorria em outros lugares governados pelo Império Otomano. Os impostos eram elevados, principalmente aqueles cobrados dos agricultores, sem que fossem oferecidos serviços condizentes. Os meios de transporte eram precários – em 1892, foi inaugurada a primeira linha de trem, pertencente a uma empresa francesa, que ia de Yafo a Jerusalém.

A proximidade com o século XX trouxe mudanças à Palestina, mesmo sob o Império Otomano. Além da melhoria dos transportes navais, que possibilitava o contato com o mundo externo, como indicam Naor e Giladi (1990), houve outros fatores significativos de uma melhoria geral local: a) aumento da força das diversas igrejas cristãs, fato que incentivava a construção e visitação aos lugares sagrados; b) aumento do interesse das potências europeias por esta parte do mundo, devido a motivos políticos e estratégicos; c) expansão das áreas de esplendor pelos árabes e judeus na região de Yafo; d) o cultivo de pomares passou a ser o principal braço econômico do lugar, associado à nova tecnologia, principalmente relacionada à extração de água

de poços para a irrigação dos pomares; e) desenvolvimento acelerado da região, cuja população aumentou substancialmente na segunda metade do séc. XIX, fato que contribuía para a criação de força de trabalho no campo e desenvolvimento econômico; f) fortalecimento da população judaica na Palestina, o que levou ao seu desenvolvimento em direção à modernidade. A indústria local era precária, com exceção das indústrias comandadas pelo Barão Rotschild em Rishon Letzion e Zikhron Yaakov (NAOR; GILADI, 1990, p.13-14).

Embora a *Haskalá* (iluminismo judaico) tenha chegado com atraso a Jerusalém, sua literatura alicerçou o sionismo e preparou o terreno para o renascimento do hebraico como linguagem diária, cujo grande defensor foi Eliezer Ben Yehuda<sup>7</sup>. Este chegou a Israel em 1881, e insistia que as pessoas falassem apenas o hebraico em casa e no seio da família. Sua ideia era a de introduzir o hebraico nas escolas como língua de instrução, como afirma Rabin (1973): “Meu pai foi sionista religioso e pertencia ao *Vaad Haleumi* (Conselho Nacional de Israel) e também ao *Vaad Hayir* (Conselho da cidade). Ele conheceu Eliezer Ben Yehuda, mas enquanto Ben Yehuda defendia o sionismo laico, meu pai defendia o sionismo religioso”.

O aumento da imigração sionista para *Eretz Israel*, vinda de várias partes do mundo, substituiu gradativamente, em números, os veteranos moradores ortodoxos que lá se encontravam, ameaçando a comunidade ortodoxa, que por gerações habitava o lugar. Com a aquisição, por parte dos nacionalistas sionistas, do poder de organizar as comunidades em *Eretz Israel*, eles formaram o *Vaad Haleumi Liknesset Yisrael* (Conselho Nacional de Israel) e lá discutiam os direitos dos judeus nacionalistas, seculares, em contrapartida aos veteranos moradores ortodoxos, leais à sua herança religiosa, preocupados com o sucesso sionista, com as perspectivas de

### desintegração espiritual dos judeus do mundo e com o futuro religioso dos mesmos.

O hebraico era naturalmente estudado nas escolas da Palestina como língua literária, mas a instrução era feita na língua de cada comunidade, ou numa língua europeia, e os textos hebraicos que eram estudados em classe eram traduzidos para estas línguas. O próprio Ben Yehuda começou a ensinar “hebraico em hebraico”, na escola da *Alliance Israélite Universelle*, em Jerusalém. Sendo “forçado”, após um curto período, a abandonar o magistério devido ao seu delicado estado de saúde, passou a se dedicar inteiramente à publicação de seu jornal, no qual continuou a difundir a sua ideia do hebraico como língua de ensino nas escolas (RABIN, 1973, p. 97-98).

### Tendo vivenciado os fatos apontados acima, Tzipora se recorda deles:

Eu frequentei a escola alemã *Beit Sefer Ezra* (Escola Ezra) desde os seis anos de idade, no jardim de infância e também no primário. Lá eu brincava com minhas amigas, todas judias, e estudava alemão, hebraico e matemática.

Quando esta escola fechou suas portas, nós passamos para a Escola *Alliance Israélite Universelle*. Lá, nós estudávamos francês, um pouco de hebraico e matemática. Frequentei esta escola até a idade de quatorze anos, sendo que a partir de então meu pai não mais permitiu que eu continuasse meus estudos, uma vez que nesta fase as salas de aula tornavam-se mistas, frequentadas por meninos e meninas na mesma sala.

Lembro-me dos meus professores: Abram Franco, sefardi<sup>8</sup> nascido em Hebron, ensinava hebraico, duas professoras de francês, nascidas em Sfat e que estudaram em Beirute, um professor de inglês, que era turco.

Não era exatamente uma escola religiosa. Celebravam-se as festas judaicas, guardava-se o sábado e estudávamos as histórias do *Tanakh*

(Bíblia). Desta época escolar, lembro-me de que saíamos semanalmente a passeios ao Muro das Lamentações e à Muralha de Jerusalém, fato que me entediava, pois eram passeios repetitivos. Não me lembro, no entanto, de estudos relacionados aos textos sagrados.

É notável, vale destacar, esta sua observação relacionada aos estudos sagrados, já que traz à tona a visão judaica sobre os estudos sagrados entre as mulheres, conforme consta do Talmud: “Rabi Eliezer diz: Todo aquele que ensinar Torá à sua filha será como se lhe ensinasse frivolidades” (Mishná: Sota, 3:4).<sup>9</sup>

De acordo com Shilo (2001, p.171), no período que abrange os anos de 1840 a 1914, eram poucas as “mulheres estudiosas” e “mulheres sábias” conhecidas. Estas, raras, figuravam principalmente entre aquelas que conheciam bem o idioma hebraico e que tinham condições de estudar os textos sagrados.

Quando indagada sobre estudos relacionados à literatura, Tzipora afirma que na casa de seu avô havia uma vasta biblioteca e que dela selecionara para leitura, destacou, um livro de Scholem Aleichem, no original; dos outros autores, leu o que se contava sobre eles, sempre em ídiche, idioma que aprendera em casa e no qual os membros de sua família se comunicavam.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a política britânica tornou-se gradualmente comprometida com a ideia de estabelecer um lar judaico na Palestina (*Eretz Israel*). Após discussões no gabinete britânico, e em consulta com os líderes sionistas, em 2 de novembro de 1917, a decisão foi divulgada na forma de uma carta de Lord Arthur James Balfour ao Lord Rothschild, um líder da comunidade judaica na Grã-Bretanha, com o seguinte teor:

O governo de Sua Majestade encara favoravelmente o estabelecimento, na Palestina, de um Lar Nacional para o Povo Judeu, e empregará todos os seus esforços no sentido de facilitar a realização desse objetivo, entendendo-se claramente que nada será feito que possa atentar contra os direitos civis e religiosos das coletividades não-judaicas existentes na Palestina, nem contra os direitos e o estatuto político de que gozam os judeus em qualquer outro país.

“Eu me lembro da Declaração Balfour”, afirma Tzipora em um de seus depoimentos. “Na ocasião eu tinha onze anos de idade, e me lembro que meu pai foi para o *Beit Haam* (Casa do Povo), em Jerusalém, onde as pessoas se reuniram para comemorar”.

Em 9 de dezembro de 1917 os ingleses chegaram às portas da cidade de Jerusalém. Dois dias depois, em 11 de dezembro, o general Allenby, comandante das forças britânicas, adentrou pelo portão Yafo, transferindo o poder do Império Otomano para o Mandato Britânico (embora este novo mandato tenha entrado em vigor somente em 1922), modificando a organização e a forma de vida em Jerusalém (YAKOVSON, 2008, p.12). Ele proclamou a consolidação do comando militar na cidade, designou a língua inglesa como oficial, providenciou tradutores e traduções para a língua árabe, e se conduzia com os cidadãos judeus, europeus, armênios e outros, da mesma maneira com que costumava se conduzir no Egito, afirma Storrs (1937, p. 353), mencionado por Yakovson (2008, p. 16), preservando, desta forma, o *status quo*. O Egito, assim, servia de modelo ao governo britânico na cidade, e mais tarde, em todo Israel. Allenby defendia a ideia de um governo descentralizado que funcionasse sob ligação e inspeção do governo central, à semelhança do que ocorrera durante o Império Otomano, em unidades que cuidavam, entre outras coisas, de assuntos religiosos, tribunais, polícia, prisões,

higiene e saúde, educação, trabalhos sociais, registro de terras, agricultura, reflorestamento, comércio, serviços de correio etc. Foi dada preferência às pessoas que trabalhavam com dinheiro no Império Otomano, devido à sua larga experiência com a população, leis e regras do sistema monetário turco e a moeda egípcia foi designada como oficial em Israel (YAKOVSON, 2008, p.18).

Ao ser indagada sobre a atuação do Mandato Britânico em comparação ao do Império Otomano, em *Eretz Israel*, Tzipora diz:

Israel, naquele tempo (do Império Otomano) era muito atrasado. Os ingleses eram muito mais abertos. Muito mais inteligentes, muito mais atuantes, como servidores do povo. Eles se preocupavam mais com o povo, com negócios, com a língua, com a fala, com tudo. Eles trouxeram progresso. Lembro-me de que havia um cinema, o cinema “Tzion”.

Em outra ocasião, Tzipora relata: “Meu pai possuía um moinho de farinha e também era dono de um pomar em Petakh Tikva”.

Nesta mesma época, escreve Klonsky (2004), nos anos 1920, havia em Jerusalém alguns trocadores de dinheiro que cooperavam com a transferência de moedas de ouro de Beirute para Jerusalém. Em Israel daquele tempo, o comércio do ouro era livre, mas o Mandato Britânico não estava ainda suficientemente organizado para a transferência de ouro pelo sistema bancário. Consequentemente, o governo britânico não só tinha conhecimento disso, como também encorajava alguns trocadores de dinheiro a fazerem a transferência. Foi assim que Avraham e Mosche Zalman Lewin, este último pai de Tzipora, entraram no ramo de transferência de dinheiro, fato que modificou significativamente suas vidas, já que culminou com a vinda das duas famílias para o Brasil. Relatado por Tzipora, o fato



consta de publicações de Tidhar (1961), Klonsky (2004) e Schva (mencionado por Klonsky), e faz referência a um assalto do qual os irmãos Lewin foram vítimas, conforme consta a seguir:

No final de 1923, os homens do *Hashomer*<sup>10</sup> ficaram sabendo que os trocadores de dinheiro fariam uma transferência de dezesseis mil (16.000) moedas de ouro de Jerusalém para Beirute pela cidade de Metula, em um táxi dirigido por um velho motorista, cujo nome era Mali. Resolveram roubá-lo para a compra de armamentos. Para tanto, disfarçaram-se de soldados irlandeses (a ocupação militar os incluía) e esperaram em um caminhão, próximo de Kfar Giladi, a chegada do táxi. Há a desconfiança de que Mali, o motorista, tenha passado a informação aos assaltantes. Quando o carro se aproximou dos assaltantes, eles o pararam com a justificativa de que haviam recebido ordens para fazer uma inspeção, pois o governo havia recebido a informação de que o dinheiro era falsificado. Eles disseram ao motorista que o dinheiro seria confiscado em nome do governo e o transferiram para o seu veículo. Deram-lhe um recibo e lhe disseram que ele deveria se reportar ao governador, em Sfat. Os homens causaram danos ao táxi e desapareceram. “Nesta ocasião, meu pai se encontrava no Cairo, de onde viajou diretamente para Sfat, na tentativa de reaver o dinheiro. Ele só voltou para casa após três semanas, sem conseguir solucionar o problema”, conta Tzipora.

Ao chegarem ao governador com o recibo, pedindo a devolução do dinheiro, Moshe Zalman e seu irmão Avraham ficaram sabendo da verdade e foram pedir auxílio à polícia. Um dos policiais responsáveis pela investigação do caso era Tidhar (1961), que relatou o ocorrido em seu livro *Bescherut hamoledet (A serviço da pátria)*. Tidhar, juntamente com seu companheiro Bechor S. Shitrit, de Haifa, foi designado a iniciar a investigação por Beirute. No entan-

to, antes mesmo de saírem de Israel, eles já sabiam que os organizadores do assalto faziam parte do grupo da *Haganá*<sup>11</sup>, e que tinham a intenção de comprar armamentos para defendê-los de um possível ataque árabe (TIDHAR, 1961).

Sem possibilidades de pagar a seus credores, os irmãos Lewin viram-se obrigados a se desfazer do moinho e do pomar e saíram pelo mundo a fim de buscar sustento, na esperança de poder restituir o dinheiro roubado a seus credores.

Avraham Lewin tinha um filho, Yaakov, com formação de *shokbet*<sup>12</sup> e de “*mobel*”<sup>13</sup>, que veio ao Brasil ainda jovem, para as colônias criadas pelo Barão Hirsch<sup>14</sup>, no Rio Grande do Sul, onde trabalhava como professor.

Avraham Lewin veio, então, para o Brasil, e se estabeleceu inicialmente no Rio de Janeiro, transferindo-se depois para São Paulo. “Meu pai queria ir para os Estados Unidos, mas como havia um número limitado de cotas, ele veio atrás do seu irmão”, relata Tzipora.

Moshe Zalman Lewin, após uma breve estadia na Alemanha, veio, inicialmente, sem a família para o Brasil e também se estabeleceu em São Paulo.

Em umas cartas enviadas por seu pai, Tzipora destaca como ele se referia ao Brasil: “O Brasil é como o Jardim do Éden, onde não se planta e mesmo assim nascem as plantas. Se some uma vaquinha, em um mês ela retorna com um bezerro, se some uma galinha, ela volta com pintinhos”. E prossegue: “Nós chegamos ao Brasil após oito meses, saindo do porto de Yafo, passando por Atenas e Marselha (lá ficamos por duas semanas). A viagem de navio durou seis semanas e lá tínhamos comida *kasher*<sup>15</sup>”.

Tzipora, na ocasião com mais de vinte anos, ajudou sua mãe com seus irmãos menores, pois dominava diversos idiomas e tinha facilidade para comunicar-se com estranhos (ela falava inglês, francês, alemão, árabe, hebraico, iídiche e espanhol, enquan-

to sua mãe conhecia o árabe, o ladino e entendia o alemão, em virtude do ídiche, que ela também dominava).

Conta Tzipora:

Chegamos ao porto de Santos em um sábado. Lá nos esperava meu pai acompanhado de um amigo *shokhet* de São Paulo, Tzudik Wainman, e nos dirigimos a um hotel próximo ao porto, onde havia comida trazida por meu pai, de São Paulo. Ao término do *Shabat*<sup>6</sup> viemos todos para São Paulo, para o bairro do Bom Retiro (Tzipora).

Nesta época, a comunidade judaica de São Paulo já tinha uma organização. Havia a sinagoga Kehilat Israel (fundada em 1912), a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas (fundada em 1915), a Sociedade Brasileira de Beneficência Ezra (fundada em 1916), o Gymnasio Hebraico-Brasileiro Renascença (criado em 1922, também conhecido como Hatkhia, Renascença em hebraico), a Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo – Khevera Kadisha e o Cemitério judaico da Vila Mariana (fundados em 1923); o Círculo Israelita de São Paulo (criado em 1926), a Sociedade pró-Imigrantes, comandada por Horácio Lafer (criada em 1924), a Sociedade Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro (criada em 1928) (FISESP).

Rememorar as condições de São Paulo na época que aqui chegaram parece entusiasmar Tzipora. Ela relata:

Havia alguns *shokhtim*<sup>17</sup>, açougue *kasher*<sup>18</sup>, e como meu pai tinha *semikhá*<sup>19</sup>, ele passou a exercer a função de rabino na cidade, construiu o *Mikve*<sup>20</sup>, em uma casa cedida por Zalman Teperman, celebrava casamentos e divórcios, orientava as pessoas... Havia também um clube no Bom Retiro, o Macabi, que eu frequentava. Lá eu conheci meu marido, e foi lá que eu me casei. Meu irmão, Jacob, foi para o grupo escolar situ-

ado na Avenida Tiradentes, e minha irmã, Ana, foi para o Renascença. Eu e meus outros irmãos, Nekhama e Mordechai, mais velhos, saímos para trabalhar.

A casa de meu pai era muito movimentada... Havia um grupo de homens solteiros, conhecidos como os “Hassidim”<sup>21</sup>, que frequentavam muito a nossa casa. Nossos amigos, meus e dos meus irmãos, vinham muito à nossa casa.

Eu não conhecia o português, mas, como dominava o francês, tive facilidade para aprender a nova língua.

Pouco tempo depois que cheguei, eu fui trabalhar primeiramente na Rua 25 de Março, em uma loja de roupas brancas, e depois em uma fábrica de malhas da família Tabacow, onde eu costurava botões.

Todos os filhos de Moshe Zalman e Rivka Gitel Lewin casaram-se em São Paulo e constituíram famílias, formando uma nova geração, de nascença brasileira. O Rabino Moshe Zalman faleceu em 1946, vítima de câncer.

Alguns anos depois, após um segundo funeral do Rabino, por ocasião da sua exumação, Tzipora levou os restos mortais do pai para Israel, atendendo ao seu pedido em testamento de ser enterrado no Monte das Oliveiras, em Jerusalém. Como na época o Monte das Oliveiras estava sob o domínio árabe, o Rabino foi enterrado em Jerusalém, no cemitério de *Har Hamenukhot*.

Tzipora naturalizou-se brasileira. Diz: “Quando recebi meu novo passaporte, como brasileira, eu chorei de emoção, e agradei ao juiz por ter-me aceito como sua cidadã”, afirma com entusiasmo.

Parece, no entanto, que as raízes eram muito importantes para boa parte da família e vários membros dela “retornaram” para Israel. Cila, a filha primogênita de Nekhama, foi a primeira a emigrar para lá, seguida por seus pais, irmãos e outros tios, Jacob e Ana. Estes emigraram com suas famílias,



levando de volta à terra natal sua matriarca, Rivka Gitel, minha avó. Em Israel ela veio a falecer, após grave enfermidade.

Tzipora e Mordechai continuam a morar em São Paulo. Ambos tiveram filhos brasileiros. Alguns permaneceram no Brasil, outros emigraram para Israel. Estes últimos formaram novas gerações, netos e bisnetos israelenses, com identidade israelense, mas que também carregam a cultura brasileira.

As novas gerações de brasileiros, por sua vez, carregam a cultura israelense, tão presente em sua história familiar. Ambas as gerações brasileiras e israelenses servem de base para a sua continuidade, em um movimento contínuo de interrelação cultural e familiar.

## NOTAS

1 Ver o vídeo produzido por Débora Waldman e Vincent Lavigne em 2001.

2 Terra de Israel, a Palestina daquele período.

3 O sobrenome Levi foi alterado para Levin (tendo sido registrado no Brasil como Lewin), de modo que os membros masculinos desta família não fossem confundidos com um descendente da tribo de Levi, responsável, no passado, pela manutenção do Grande Templo, e atualmente chamado nas sinagogas, após os sacerdotes, para a leitura da Torá.

4 Dossel utilizado nos casamentos judaicos.

5 Um dos mais antigos bairros de Jerusalém, construído em 1874 pelos colonizadores do Velho Yishuv. O nome *Mea Shearim* tem como origem a passagem bíblica: “E semeou Isaac naquela mesma terra, e colheu naquele mesmo ano cem medidas (em hebraico: *Mea Shearim*), porque o Senhor o abençoava” (Gênesis 26:12 – Gênesis: nome dado ao primeiro livro do Pentateuco, os cinco primeiros livros bíblicos). Os colonizadores esperavam que, como

Isaac, também eles iriam prosperar e desfrutar as bênçãos de Deus. Alguns interpretam o nome literalmente, como “100 Portões”. Hoje é povoado principalmente por judeus religiosos ortodoxos.

6 É possível que se trate de artigo publicado no livro editado por Joachim Wilhelm Hirschberg, *Yad Yosef Yitshak Rivlin*, publicado em hebraico, em 1964, pelo Rivlin Institute for Reseach on the History of the Yishuv (Mekhon Rivlin le-heker toledot ha-yishuv), da Universitah Bar-Ilan, em Ramat-Gan, Israel. Um dos artigos incluídos neste livro é “*Ha-Mifneh be Ma’amadah shel Yerushalayim ba-Meah ha-19*” (A mudança na situação de Jerusalém no século 19), p. 78-107, sem indicação de autoria e fonte (referência de catálogo de fontes histórias consultado em 19/10/2009 no endereço [http://www.idc.nl/jewish\\_hfd3.pdf](http://www.idc.nl/jewish_hfd3.pdf)).

7 Publicou em 1903 um pequeno dicionário e, a partir de 1908, começou a editar o seu grande dicionário *Thesaurus Totius Hebraicitatis* (Tesouro Completo da Língua hebraica), baseado na pesquisa de palavras de centenas de livros de todos os períodos da língua (Rabin, 1973, p. 99).

8 De origem sefaradita – judeus de origem espanhola e portuguesa que se espalharam pelo norte da África, Império Otomano, parte da América do Sul, Itália e Holanda após a expulsão dos judeus da Península Ibérica no fim do séc. XV.

9 Uma das principais obras do judaísmo rabínico é a primeira grande redação na forma escrita da tradição oral judaica, chamada a Torá Oral. Provém de um debate entre os anos 70 e 200 da Era Comum por um grupo de sábios rabínicos conhecidos como ‘Tanaim’ e redigida por volta do ano 200 pelo Rabino Judá HaNassi. É também “estudo”, “ensinamento”, já que o ensino fazia-se oralmente, com base apenas na repetição. Dá-se este nome à compilação da doutrina tradicional judaica pós-bíblica, em especial à sua parte jurídico-religiosa. Por isso o Pentateuco.

10 Organização de defesa judaica, fundada em 1909 e que cessou suas atividades após a criação da Haganá (organização paramilitar judaica durante o mandato britânico, em 1920 e que se tornou oficial em 1948, com a criação do Estado de Israel).

11 Organização paramilitar judaica durante o mandato britânico, em 1920 e que se tornou oficial em 1948, com a

criação do Estado de Israel.

12 Abatedor ritual de gado e aves; judeu piedoso que tem em mente a vida do animal.

13 Circuncidador.

14 Em 1891, o barão judeu Maurice de Hirsch fundou a *Jewish Colonization Association* (ICA) com o objetivo de retirar os judeus da Europa Oriental e assentá-los onde pudessem ter uma vida melhor. Em 1903, a ICA adquiriu uma área de 5.700 hectares no município gaúcho de Santa Maria para estabelecer a colônia agrícola de Philippson. No ano seguinte, chegaram as primeiras 38 famílias da Bessarábia. Cinco anos depois, a ICA comprou mais 93.850 hectares entre Erechim e Getúlio Vargas e da colônia de Quatro Irmãos surgiram quatro localidades: Barão Hirsch, Baronesa Clara, Pampa e Rio Padre. (BACK, 1957; 1958; GRITTI, 1997; GUTFREIND, 2004). <http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/7tipos/judeusul.html>. Acesso em 5 out. 2009.

15 Alimento que é permitido comer, segundo as Leis Dietéticas judaicas.

16 Dia de descanso obrigatório.

17 Plural de *shokhet*.

18 Cujas carne está de acordo com os preceitos religiosos judaicos.

19 Autorização e ordenação de rabino.

20 Piscina para banho ritual.

21 Adeptos do Movimento Hassídico, baseado nos ensinamentos de Baal Schem Tov, que propunha uma interpretação da Cabala segundo a qual Deus podia ser encontrado em todos os aspectos da vida, e se podia servi-lo através das atividades cotidianas.

## REFERÊNCIAS

BACK, Leon. Comunidades judaicas. In: *Enciclopédia Rio-Grandense*. Canoas: Atual, 1957, v. 4.

\_\_\_\_\_. Imigração judaica. In: *Enciclopédia Rio-Grandense*.

Canoas: Atual, 1958, v. 5.

BEREZIN, Rifka. *Dicionário hebraico-português*. São Paulo: Edusp, 1995.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

FISESP (Federação Israelita do Estado de São Paulo). [http://www.fiesp.org.br/express/index.php/site/historico\\_fiesp](http://www.fiesp.org.br/express/index.php/site/historico_fiesp). Acesso em 7 out. 2009.

GRITTI, Isabel Rosa. *Imigração judaica no Rio Grande do Sul: a Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

GUTFREIND, Ieda. *A imigração judaica no Rio Grande do Sul: da memória para a história*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

KLONSKY, Eliezer. *Árvore genealógica da família de Levy-Eliezer e Chava Klonsky*, 2001. [Texto elaborado para uso familiar, não publicado.]

\_\_\_\_\_. *Genealogy of the Israel-Iser and Tzirl Levi-Levin family*, 2004. [Texto elaborado para uso familiar, não publicado.]

NAOR, Mordechai; GILADI, Dan. *20<sup>th</sup> century from yishuv to statehood*, 1900-1950. Tel Aviv: Ministério da Defesa de Israel, 1990.

RABIN, Chaim. *Pequena história da língua hebraica*. São Paulo: Summus Editorial, 1973.

SHILO, Margalit. *Nesikhah o shevuyah?: ha-hitzavayah hanashit shel ha-yishuv ha-yashan bi-Yerushalayim, 1840-1914*. Haifa/Or Yehuda: Haifa University and Zmora Bitan, 2001 (em hebraico). [Edição em inglês: *Princess or prisoner?: Jewish women in Jerusalem, 1840-1914*. Trad. David Louvish. Waltham, Mass.: Brandeis University Press, 2005.]

TIDHAR, David. *Besherut hamoledet (A serviço da pátria)*. Tel Aviv: Yedidim, 1961 (em hebraico).

\_\_\_\_\_. *Entziklopedia le' Chalutzei ha-Yishuv u-Bonav (Encyclopedia of the Pioneers and Builders of the Land of Israel)*. Tel Aviv: Rishonin Library, 19 vols., 1947-1971 (em hebraico).

YAKOVSON, Avigail. *Kaasher ir makhlifá yadaim* (Quando uma cidade muda de mãos). Tel Aviv, 2008 (em hebraico).

WALDMAN, Débora; LAVIGNE, Vincent. *Ad meah veEsrím – até 120 anos* [filme-vídeo]. Direção, produção e edição: Débora Waldman e Vincent Lavigne. São Paulo, Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas da Universidade de São Paulo e Centro de Estudos Judaicos, USP, 2001. 1 (um) cassete, VHS, 77min. Color. Som.